

## CORPO, CULTURA E ADOLESCÊNCIA: ESTUDO SOBRE A AUTOESTIMA A PARTIR DAS EXPERIÊNCIAS VIVIDAS DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO EM ESCOLAS DE ARACAJU-SE<sup>1</sup>

BODY, CULTURE AND ADOLESCENCE: A STUDY ON SELF-ESTEEM FROM LIVING EXPERIENCES OF HIGH SCHOOL STUDENTS FROM ARACAJU-SE SCHOOLS

CUERPO, CULTURA Y ADOLESCENCIA: UN ESTUDIO SOBRE EL AUTOESTIMA DE LAS EXPERIENCIAS VIVIDAS DE ESTUDIANTES DE LA ESCUELA SECUNDARIA EN LAS ESCUELAS DE ARACAJU - SE

Markus de Lima Silva<sup>2</sup>  
Luiz Anselmo Menezes Santos<sup>3</sup>

### Resumo

Essa pesquisa teve como propósito a descrição das influências do contexto escolar na autoestima de alunos do Ensino Médio de diferentes escolas de Aracaju, a partir das narrativas sobre a corporeidade. Trata-se de um estudo que busca aproximar as contribuições da fenomenologia para o campo educacional, envolvendo as vivências corporais, as relações intersubjetivas e a manifestação da autoestima na corporeidade do adolescente. Utilizamos como base de sustentação teórica os fundamentos da perspectiva fenomenológica de Merleau-Ponty, que busca a compreensão do ser humano em sua unidade. A pesquisa foi desenvolvida em duas instituições escolares de Aracaju, uma Escola Pública Estadual e outra Escola da Rede Particular de Ensino. Foi utilizada a abordagem qualitativa da pesquisa, tendo em vista que a sua principal característica é o saber descritivo que proporciona a interpretação de um contexto, assim como a descoberta de novos elementos que possam emergir durante o processo. Utilizamos como recurso metodológico entrevistas semiestruturadas do tipo grupo focal, nas quais, por meio da ampliação do objetivo, foi possível contextualizar ainda mais os dados coletados e estabelecer uma interação maior entre investigados. Portanto, através das entrevistas, foi possível compreender que a escola é um local de múltiplas experiências corporais que atuam diretamente na percepção de mundo do adolescente. Os relatos dos adolescentes, gerados pelas discussões durante a realização do grupo focal, revelaram que as vivências corporais e as relações intersubjetivas proporcionam uma grande relevância em sua corporeidade.

**Palavras-Chave:** Adolescente. Autoestima. Corporeidade. Educação. Fenomenologia.

### Abstract

This research aimed to describe the influences of the school context on the self-esteem of high school students from different schools of Aracaju, from the narratives about corporeality. This is a study that seeks to approximate the contributions of phenomenology to the educational field,

<sup>1</sup> O presente estudo se refere a uma síntese da dissertação defendida pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe em 2018.

<sup>2</sup> Mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe. Professor de Educação Básica na Rede Estadual de Sergipe e da Rede Municipal de Estância.

<sup>3</sup> Doutor em Educação pela Universidade Federal de Sergipe. Docente no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe.

involving body experiences, intersubjective relationships and the manifestation of self-esteem in the adolescents' corporeality. We use as a basis of theoretical support the foundations of the phenomenological perspective of Merleau-Ponty, which seeks the understanding of the human being in its unity. The research was carried out in two schools of Aracaju, a State Public School and another one, a Private School. The qualitative approach of the research was used, considering that its main feature is the descriptive knowledge that provides the interpretation of a context, as well as the discovery of new elements that may emerge during this process. We used as a methodological resource semi-structured interviews of the focus group type, in which, by expanding the objective, it was possible to contextualize the data collected and establish a greater interaction between the investigated. Therefore, through the interviews, it was possible to understand that the school is a place of multiple bodily experiences that act directly on the adolescents' perception of the world. The adolescents' reports, generated by the discussions during the realization of the focus group, revealed that bodily experiences and intersubjective relationships provide great relevance in their corporeality.

**Keywords:** Adolescent. Self-esteem. Corporeality. Education. Phenomenology.

### Resumen

Esta investigación se lleva a cabo con el fin de describir las influencias del contexto escolar en la autoestima de los estudiantes de secundaria de diferentes escuelas de Aracaju, a partir de las narrativas sobre la corporeidad. Este es un estudio que busca aproximar las contribuciones de la fenomenología al campo educativo, involucrando experiencias corporales, relaciones intersubjetivas y la manifestación de la autoestima en la corporeidad del adolescente. Utilizamos como base de apoyo teórico los fundamentos de la perspectiva fenomenológica de Merleau-Ponty, que busca la comprensión del ser humano en su unidad. La investigación se llevó a cabo en dos escuelas de Aracaju, una escuela pública estatal y otra escuela privada. Se utilizó el enfoque cualitativo de la investigación, considerando que su característica principal es el conocimiento descriptivo que proporciona la interpretación de un contexto, así como el descubrimiento de nuevos elementos que pueden surgir durante el proceso. Utilizamos como recurso metodológico entrevistas semiestructuradas del tipo de grupo focal, en las cuales, al expandir el objetivo, fue posible contextualizar los datos recopilados y establecer una mayor interacción entre los investigados. Por lo tanto, a través de las entrevistas, fue posible comprender que la escuela es un lugar de múltiples experiencias corporales que actúan directamente sobre la percepción del mundo de los adolescentes. Los informes de los adolescentes, generados por las discusiones durante la realización del grupo focal, revelaron que las experiencias corporales y las relaciones intersubjetivas proporcionan una gran relevancia en su corporalidad.

**Palabras clave:** Adolescentes. Autoestima. Corporeidad. Educación. Fenomenología

### Introdução

O estudo da corporeidade no contexto educacional ressalta a necessidade de se compreender as vivências corporais e as relações intersubjetivas em todo ambiente escolar. Podemos notar que na escola acontecem inúmeras atividades onde os alunos se manifestam corporalmente. Na escola o aluno pratica dança, esportes, teatro, realiza diversos tipos de relações humanas, expressa seus desejos e

Revista Cenas Educacionais, Caetité – Bahia - Brasil, v. 2, n. 2, p. 42-60, jul./dez. 2019.

personalidade a partir da linguagem verbal e não verbal, como gestos e até mesmo pelo vestuário; enfim, situações que são vividas pelos alunos e que participam ativamente da sua autopercepção, ou seja, da sua autoestima e, de maneira mais ampla, da sua corporeidade.

As vivências que o adolescente realiza na escola – conflitos, conquistas, afetividade, rejeição, carência, comparações, frustrações, desejos, realizações – são frutos das relações sociais ali estabelecidas. Esses fatores possuem um papel decisivo na formação da corporeidade de cada indivíduo, ou seja, se ele será confiante ou inseguro, se será sociável ou retraído, se será participativo ou envergonhado. De forma mais específica, todas as experiências vividas pelo adolescente no contexto escolar agirão de maneira marcante em sua autoestima.

A autoestima se caracteriza como a percepção que o indivíduo possui acerca si próprio, a partir das relações que estabelece socialmente. Segundo Del Ciampo e Del Ciampo (2010), a autoestima é um indicador de bem-estar mental, podendo ser entendida como um conjunto de atitudes e ideias que cada pessoa tem sobre si. É dinâmica, apresenta oscilações e revela-se nos acontecimentos sociais, emocionais e psíquico-fisiológicos. Assim, a autoestima não pode ser compreendida de maneira isolada ou estanque, mas como uma construção realizada pelas experiências que o indivíduo possui socialmente, pelas vivências corporais que têm no mundo.

No contexto escolar, o adolescente desperta sua sexualidade, namora, cria laços afetivos, participa de grupos, vive inúmeros conflitos sociais e internos, expressa-se pela linguagem, vestimenta e atitudes, vivencia inúmeras práticas corporais como o esporte, a dança e o teatro, isto é, um espaço vivo em que o aluno passa grande parte da sua vida e ali constrói grandes experiências. Essas práticas marcam sua vida, participam diretamente na formação da sua autoestima, compõem a sua corporeidade.

Comprendemos a construção do conhecimento através das experiências corporais dos sujeitos no mundo, onde o seu corpo transcende a perspectiva única de objeto, para a situação de sujeito agente de sua própria vida. “O mundo não é aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo; eu estou aberto ao mundo, comunico-me indubitavelmente com ele, mas não o possuo, ele é inesgotável” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 14). O reconhecimento do corpo em nossa existência é o que faz o indivíduo existir como ser humano e

viver experiências com o mundo. Esse é o princípio da corporeidade, que compreende o homem como um ser dotado de sensibilidade e de existência, que potencializa a criação, a expressão e a comunicação do ser humano com o mundo. Assim, os projetos educacionais precisam dialogar e favorecer a manifestação da corporeidade dos alunos, mais especificamente dos adolescentes.

A escola é, para os adolescentes, um território no qual eles se sentem à vontade para exercitar suas vivências e convivências. É nesse território que o adolescente projeta encontros e relações, questiona valores e começa a construir seu projeto de vida. Ela é para o adolescente um local de descobertas, de relações e de convivências, fatores que a configuram como uma etapa marcante em sua vida. A adolescência acontece no indivíduo principalmente na escola, contexto em que o adolescente consegue vivenciar inúmeras experiências corporais que atuam de maneira decisiva na constituição da sua corporeidade.

Como seres humanos, somos seres corpóreos, como também estamos inseridos em um contexto social e cultural que nos influencia a todo instante. Todavia, torna-se necessário salientar que o corpo humano não pode ser visto apenas como uma coisa, que apenas sofre estímulos do ambiente e os reproduz, submetido somente às leis mecânicas da natureza. Segundo Merleau-Ponty (2011), o “corpo próprio” não é apenas um objeto, mas aquilo a partir do que um mundo de objetos é possível, ou seja, somos seres situados em mundo que atua sobre nós, mas que também atuamos sobre ele.

Neste sentido, com base na noção de corpo próprio apresentada pela fenomenologia de Merleau-Ponty, na qual busca ampliar a noção de ser humano, compreendendo-o não apenas como objeto entre tantos objetos do mundo, mas também como sujeito, como um ser no mundo que interage e manifesta sua intencionalidade a partir das relações que estabelece com o mundo, este estudo possuiu o objetivo de descrever as influências do contexto escolar na autoestima de alunos do Ensino Médio de diferentes escolas de Aracaju, a partir das narrativas sobre a corporeidade.

Assim, procuramos evidenciar as diferentes manifestações da corporeidade vivenciadas pelos adolescentes no contexto escolar; procurando investigar as convivências de alunos adolescentes no ambiente escolar a partir de suas narrativas, como também, ressaltando as singularidades presentes nos discursos dos alunos do Ensino

Médio das instituições escolares selecionadas de Aracaju em torno da manifestação da sua corporeidade.

## **Materiais e Métodos**

Esse estudo tem como base a pesquisa não-experimental qualitativa na área da Educação que, segundo Ludke e André (2013), envolve a obtenção de dados descritivos obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatizando mais o processo do que o produto, preocupa-se em retratar a perspectiva dos participantes.

Para o desenvolvimento da pesquisa, selecionamos duas instituições escolares localizadas no município de Aracaju que trabalham com o Ensino Médio. Posteriormente escolhemos dez alunos de cada instituição escolar para a realização do grupo focal, técnica de pesquisa adotada. Gondim (2003) define grupos focais como uma técnica de pesquisa que coleta dados por meio das interações grupais ao se discutir um tópico especial sugerido pelo pesquisador. Pode ser caracterizada também como um recurso para compreender o processo de construção das percepções, atitudes e representações sociais de grupos humanos.

Segundo Josgrilberg (2006), tomando como base os estudos de abordagem fenomenológica que buscam descrever e compreender as essências presentes nos fenômenos vividos, os grupos focais se apresentam como uma técnica de pesquisa muito apropriada aos estudos amparados pelo viés fenomenológico, uma vez que os relatos das experiências serão dos participantes da pesquisa. Desta forma, “o grupo focal apresenta uma característica peculiar que é provocar o estranhamento entre os indivíduos, em relação dialética com o outro, instituindo o sentido intersubjetivamente. Como propôs Merleau-Ponty” (JOSGRILBERG, 2006, p. 231).

Para realização do grupo focal com os alunos das instituições escolares selecionadas, dividimos as entrevistas em três blocos. No primeiro, que aborda a corporeidade na escola, usamos um vídeo e imagens que ressaltam as mais variadas vivências corporais nas escolas, como por exemplo a prática de diversos esportes, teatro, danças, namoro, brigas, amizades, etc. A utilização do vídeo e das imagens anteriormente

ao grupo focal, deve-se ao intuito de provocar e esclarecer o tema abordado, como também estimular a compreensão e expressão por parte dos alunos.

No segundo bloco, no qual trata a convivência entre os alunos, também utilizamos um documentário para provocar a sua expressividade no grupo focal. O documentário escolhido foi o “Pro Dia Nascer Feliz”<sup>4</sup>, dirigido por João Jardim. O próprio diretor o define como um documentário que se traduz como “um diário de observação da vida do adolescente no Brasil em seis escolas”, onde se busca flagrar o dia a dia dos jovens estudantes e dos seus professores, adentrando em sua subjetividade. O documentário foi produzido nas cidades de Pernambuco, São Paulo e Rio de Janeiro. As entrevistas são intercaladas com sequencias de observação do ambiente das escolas. Procurando não exercer interferência direta, a câmera flagra salas de aula, esquadrinha corredores, pátios e banheiros, testemunha uma reunião de conselho de classe (onde os professores decidem o destino curricular dos alunos “difíceis”) e momentos de relativa intimidade pessoal.

No último bloco do grupo focal, no qual buscou compreender a autoestima dos alunos, utilizamos também um vídeo<sup>5</sup> anteriormente a discussão. Buscamos perceber, através dos relatos das experiências dos alunos, as qualidades e dificuldades vividas no contexto escolar. A realização do grupo focal durou, em média, uma hora.

Neste sentido, realizamos a interpretação dos relatos das experiências vividas pelos alunos das escolas selecionadas seguindo a fundamentação da fenomenologia de Merleau-Ponty, na qual busca compreender os significados construídos a partir das relações construídas entre o ser humano e o mundo. Assim, buscamos apreender essas relações a partir das vivências corporais construídas pelos alunos nos três contextos educacionais abordados, assim como estabelecer comparações entre as realidades pesquisadas.

Objetivou-se perceber e descrever a essência desses relatos de maneira fiel, isto é, expondo suas experiências vividas e a sua percepção sobre os fatos elucidados durante o transcorrer das entrevistas. Desta forma, a exposição das falas se apresenta de forma fidedigna ao relatado pelo entrevistado, no intuito de não perder posicionamentos tão

---

<sup>4</sup> **Pro dia nascer feliz.** Direção: João Jardim. Globo Filmes, 2007. 1 DVD (88 min).

<sup>5</sup> O vídeo é intitulado como “Qualidades e Defeitos Nossos e de Outras Pessoas”, retirado do site “YouTube”. Trata-se de um vídeo em que alunas adolescentes falam sobre suas potencialidades e dificuldades.



significativos, assim como não anular tais experiências. Para tanto, esclarecemos ao leitor que estamos preservando a identidade dos alunos por questões éticas e de sigilo na pesquisa acadêmica.

Seguimos os caminhos da perspectiva fenomenológica para a elucidação e interpretação das experiências vividas pelos alunos, onde a sua percepção caracterizou-se como direcionamento da pesquisa. Esse processo abriu possibilidades de respostas aos objetivos traçados, possibilitando o diálogo com o referencial teórico adotado, no qual nos oferece as possibilidades adequadas à compreensão do fenômeno estudado. Assim, podemos enfatizar aquilo que foi percebido como sensível à consciência dos alunos adolescentes das instituições escolares pesquisadas.

Neste sentido, durante a descrição da percepção e posicionamento de cada aluno, sugerimos ao leitor o entendimento de que as descrições e interpretações das narrativas não se caracterizam como uma explicação causal do objeto estudado, como algo destituído de vida, ao contrário, é a recuperação daquilo que foi e é vivido. Recuperar um pensamento no qual busca a relação constante com a vida e, através dos relatos, elucida vários sentidos, é, de maneira recíproca, a manifestação da relação do homem com o mundo percebido.

## **Resultados e Discussão**

Na tentativa de descrever e interpretar o vivido por ele mesmo em suas relações consigo e com o outro, nossa pesquisa foi desenvolvida em três blocos de perguntas, nos quais realizamos as perguntas e obtivemos as seguintes respostas dos alunos das duas escolas pesquisadas.

O primeiro bloco foi desenvolvido após os alunos visualizarem várias imagens do cotidiano escolar – esportes, danças, teatro, relações sociais, tristezas, raiva, conflitos, etc. – e selecionarem as imagens nas quais eles se identificam e aquelas que eles não possuem familiaridade. Após a sua escolha foi realizada a entrevista. Com quais imagens você se identifica? Com quais imagens você não se identifica? Por quê?

As narrativas revelaram como os alunos se manifestam corporalmente na escola. A partir do estímulo dado, eles puderam externar seus significados às vivências corporais no contexto escolar. Os sentidos e significados por eles atribuídos demonstram a

essência de vida de cada Ser, suas experiências e os caminhos que os levaram a construir um direcionamento para ela, isto é, seus relatos manifestam a corporeidade de cada adolescente que participou da entrevista. Seus relatos evidenciaram também a importância dada por eles às amizades realizadas no contexto escolar.

Segundo Merleau-Ponty (2011), o corpo, dotado de significados socialmente partilhados, é a expressão de um determinado contexto social. É a partir dessa relação que surge a possibilidade de ampliação daquilo que podemos pensar sobre corpo e sobre o ser humano, isto é, a discussão sobre o corpo levada a uma perspectiva relacional considera o ser humano como um ser no mundo e para o mundo, onde essa interação contribui na constituição do Ser.

Neste sentido, a procura de repensar a educação perpassa por uma busca de superação de concepções educacionais que encaram o ser humano de forma dicotômica, que buscam privilegiar o pensamento/mente de maneira destituída das experiências vividas do ser humano. Entre os aspectos a serem considerados na condição humana, o corpo se apresenta como um dos mais marcantes. Não existe forma de ser humano fora de um corpo. O corpo humano é impregnado de impressões e sensações que fazem da nossa cognição uma subjetividade, baseada na afetividade, na socialização e na interpretação de situações concretas de vida.

A mente não é uma entidade “des-situada”, desencarnada ou um computador, também a mente não está em alguma parte do corpo, ela é o próprio corpo. Essa unidade implica que as tradicionais concepções representacionistas se enganam ao colocar a mente como uma entidade interior, haja vista que a estrutura mental é inseparável da estrutura do corpo (NÓBREGA, 2005, p. 607).

Podemos notar também, pelos relatos dos estudantes, a importância atribuída às vivências corporais na escola. Para eles, a escola não é somente uma instituição cujo conhecimento trabalhado está restrito ao intelecto, mas sua função abrange todo o ser humano. “Eu me identifico com as imagens de grupos, pois eu sempre ando com muitas pessoas” (Aluna 1 da Escola Particular), “Me identifico com a imagem dos amigos juntos, eu gosto de estar com meus amigos” (Aluna 2 da Escola Pública), “Eu me identifiquei com as imagens de estar com os amigos e fazer esporte na escola. Eu gosto de estar com meus amigos porque conversamos, essas coisas” (Aluna 3 da Escola Pública), “Eu gosto de fazer teatro que eu gosto de atuar, da arte, de estar representando” (Aluno 4 da Escola



Pública), “Me identifico com as pessoas estudando, com a menina fazendo GR e com a imagem dos grupos de amigos” (Aluna 4 da Escola Particular), “Eu me identifico com a imagem do esporte na escola – e sou bom em todos os esportes (risos) –, me identifico também com a imagem dos amigos juntos, um pouco também de dança” (Aluno 7 da escola Pública), “Me identifico com as imagens onde as pessoas estão em grupo, fazendo trabalhos ou fazendo esportes” (Aluno 8 da Escola Particular).

Sobre as imagens com as quais os alunos não se identificam, podemos notar a predominância de não namorar na escola, brigas na escola, bullying e isolamento na escola, assim como podemos notar em seus relatos: “eu não me identifico com brigas na escola, nem namoro na escola, nem bullying” (Aluna 2 da Escola Particular), “eu não me identifico com namoro na escola” (Aluna 2 da Escola Pública), “não me identifico com namoro na escola, porque a escola não é local de fazer essas coisas” (Aluna 3 da Escola Pública), “não me identifico com namoro na escola e isolamento das pessoas” (Aluna 4 da Escola Particular), “Não me identifico com bullying, brigas na escola porque não acho legal isso entre pessoas” (Aluna 5 da Escola Particular), “não me identifico com brigas e isolamento” (Aluna 7 da Escola Particular).

É neste sentido que a corporeidade, quando priorizada nos objetivos educacionais, possibilita a abertura de amplas perspectivas na constituição do equilíbrio nos processos de aprendizagem. O sujeito, em seu modo de interagir com o mundo e em sua expressividade com o corpo vivido, manifesta-se de maneira que abrange sua dimensão temporal e histórica, na qual seus significados se revelam na relação com outras pessoas, amigos, colegas, sociedade, cultura, história, membros da família, entre outros.

A discussão sobre o conhecimento produzido na escola abrange, nos dias atuais, todos os processos naturais e sociais do ser humano, ou seja, a sua aprendizagem é gerada por meio desses processos que precisam ser levados em conta na elaboração de todo e qualquer projeto educacional que busque atingir o indivíduo em todas as suas perspectivas. Corpo e consciência não podem ser consideradas/analizadas como causalidades segregadas, mas sim por meio de uma unidade expressiva que se manifesta justamente pelas experiências de um corpo vivido.

A corporeidade, quando vivenciada na educação, pode abrir perspectivas construção e produção de equilíbrio nos processos de

aprendizagem. A discussão sobre o conhecimento abarca, hoje, todos os processos naturais e sociais, nos quais se geram. A partir daí são levadas em conta formas de aprendizagem. Corpo e consciência não são causalidades distintas, mas unidade expressa pela dinâmica da experiência do corpo (SANTOS, 2016, p. 186).

A corporeidade manifesta nas experiências vividas do ser humano possibilita a compreensão que cada ser é único no mundo, possuído de comportamentos, pensamentos e intencionalidades distinta. Uma educação que possibilite e reforce a intersubjetividade amplia a noção de ser humano como objeto, mas o reconhece como sujeito de sua própria vida, isto é, a intersubjetividade amplia o olhar para as mais diferentes práticas educacionais o contexto educacional.

No segundo bloco, utilizamos cenas do documentário “Pro Dia Nascer Feliz”. As cenas escolhidas tratam das relações entre os alunos adolescentes de determinada escola do Rio de Janeiro. Em seguida realizamos a entrevista com as seguintes perguntas e respostas: Qual cena do documentário lhe chamou mais atenção? Qual mensagem ela procura passar?

Os relatos mostram que os adolescentes não se relacionam de maneira passiva e imparcial frente aos desafios da vida e do mundo. Eles atuam de maneira ativa nos grupos aos quais pertencem, na sala de aula, em todos os locais que compõem a escola. Sua atuação é implicitamente ativa nos gestos, pensamentos e sentimentos, carregados de sentidos, significados, percepções e intencionalidades, o percebido é intencionalmente expresso em cada experiência, manifestando sua corporeidade e se reconhecendo como sujeito de sua própria vida na convivência com o diferente.

Esses traços devem ser entendidos, fenomenologicamente, como as diversas formas concretas do relacionamento entre o homem e o mundo, as diversas formas da intencionalidade, as diversas modalidades da dialética fenomenal. A utilização do mundo, sua transformação, a apropriação do mundo, seu conhecimento, o poder, as relações sociais, a arte, a religião, etc., são essas *formas* (no plural) da significação existencial. Através da história, elas se consolidam, se institucionalizam, na constituição de um determinado mundo. Tornam-se então os diversos tópicos ou lugares concretos de manifestação do sentido em seus múltiplos sentidos (REZENDE, 1990, p. 60).

Percebemos, nos relatos proferidos pelos adolescentes, a relevância que o respeito possui na mediação das relações sociais. As cenas relativas ao aluno que coloca um absorvente na camisa do professor, a cena da aluna que não deixa a colega

estudar, como também a cena que retrata os grupos de alunos na escola foram os trechos do documentário que mais chamaram a atenção dos adolescentes, como podemos destacar nas narrativas “cena da menina que implica com a outra, tipo assim, no mesmo ambiente, uma quer estudar e a outra não” (Aluna 3 da Escola Pública), “a cena que mais me chamou atenção foi a que o aluno colocou um absorvente na camisa do professor” (Aluno 8 da Escola Particular), “também a parte das duas meninas, em que uma queria estudar e a outra queria perturbar, isso é muito ruim” (Aluno 7 da Escola Pública), “além da cena do absorvente o que me chamou atenção foram os grupinhos formados na escola, pois a gente ver muitos grupos na escola, tudo dividido e isso acontece em qualquer lugar” (Aluna 9 da Escola Particular).

Segundo Caminha (2012), a vulnerabilidade, a carência e o desamparo são características que marcam a nossa existência corporal no mundo. Todavia, da mesma maneira, nosso corpo é uma manifestação da vida constituída por meio das relações sociais que estabelece. O corpo é construído nas relações humanas, nas quais as qualidades são produzidas nas relações sociais e por meio da incorporação simbólica. Assim, nossa corporeidade é também construída socialmente, de forma que permite a estruturação simbólica que reúne os mais diversos estilos de vida.

Algo marcante nas falas dos alunos é a importância dada ao estabelecimento das amizades na escola, a forma como eles prezam por uma relação construída na base do respeito, da honestidade e do companheirismo. A convivência formada no contexto escolar revela, para esses alunos investigados, a maneira como percebem o seu pertencimento a uma realidade e cultura construída, refletindo em suas narrativas as concepções de uma experiência vivenciada, presente em sua corporeidade, onde atua na decisão das escolhas tomadas atual e posteriormente. Assim, suas experiências na constituição das relações humanas construídas no contexto escolar partem de uma experiência intencional, que revela uma consciência. Seus pensamentos, ações e escolhas revelam uma linguagem que traduz signos construídos na interação homem e mundo.

O corpo possui um papel central no estabelecimento das relações intersubjetivas para os adolescentes, cabendo ressaltar também que a escola é uma fonte grande e relevantes experiências socializadoras, de convivência com as diferenças de todos os tipos e em todos os níveis. Essa vivência dos adolescentes com as diferenças nos faz

compreender o contexto escolar um espaço sócio cultural privilegiado, por ser uma instituição repleta de intencionalidades, de encontros e desencontros, buscas e descobertas. Entretanto, é observada também na escola a supremacia ao ensino de conteúdos e a pouca atenção dada aos aspectos corporais e sociais no contexto escolar nessa fase da vida. Tal fato pode se caracterizar um grande problema para os alunos, tendo em vista as necessidades de uma etapa da vida repleta de transformações corporais e sociais.

De acordo com Darwich e Garcia (2017), a formação de grupos vivenciais com estudantes do ensino médio centra-se na aquisição e no aprimoramento de habilidades sociais e de resiliência. Tais repertórios são fundamentais para a prevenção e solução de conflitos, bem como constituem fatores de proteção diante de adversidades, pois abrem espaço para relações sociais equilibradas, favorecendo que mesmo experiências dolorosas sejam fonte de fortalecimento emocional. Destaca-se o papel de intervenções precoces, já que problemas de comportamento tendem ao agravamento quando as situações nas quais se desenvolvem são mantidas.

Desta forma, podemos enfatizar que a escola é, antes de qualquer outra coisa, um lugar de relações sociais, isto é, onde é possível a concretização da intersubjetividade. Todavia, para Caminha (2015), é reconhecível que a escola institui um modo de convivência pautado nas normas e disciplina. É na escola que os alunos deixam de pertencer exclusivamente às suas famílias para abrir as portas da integração a uma comunidade cujo vínculo é estabelecido pela obrigação de viver em comum e não por interesses pessoais. Conviver não comunga somente com o agir, de maneira mecânica, em diálogo com o outro, mas requer o agir segundo princípios. Quando o saber conviver é instaurado mediante uma relação de ensino e aprendizagem na escola, estamos não somente instituindo leis, mas formando valores que sustentam toda forma de norma.

Seus relatos nos mostram o quanto as relações dos adolescentes são marcadas por medos, bloqueios e receios. A formação e o pertencimento a grupos que comunguem com seus gostos, ideias e comportamentos é um fato no contexto escolar e, para os alunos, é algo estritamente necessário. Porém, as relações com o diferente nem sempre são estabelecidas de maneira amistosa, harmônica e pacífica, assim como mostraram os depoimentos ao serem questionados como eles administram a relação com

peessoas diferentes deles na escola, “eu não puxo assunto com essa pessoa, mas se ela vier falar comigo eu vou responder, vou ser educada” (Aluna 1 da Escola Particular), “a pessoa tem três opções, ou ela se afasta totalmente dessa pessoa ou ela vai aprendendo a lidar com ela” (Aluno 10 da Escola Particular), “se eu estou com uma pessoa que não é muito igual a mim, que eu não gosto, eu não crio muita intimidade com essa pessoa” (Aluna 2 da Escola Particular), “se fosse uma pessoa que eu não conhecesse e eu fosse muito diferente de mim eu ia trata-la com respeito. Mas se fosse uma pessoa muito diferente de mim eu jamais iria ter contato com aquela pessoa” (Aluno 3 da Escola Particular).

Podemos destacar alguns relatos que podem exemplificar essa situação “certamente eu me relacionaria com uma pessoa oposta a mim, porque a pessoa que se parece comigo ela tem os mesmos defeitos que eu, faz as mesmas coisas que eu. [...] isso acontece na escola, onde me dou muito bem com elas, mesmo com as diferenças, porque uma compartilha com as outras as características boas e as negativas” (Aluno 4 da Escola Pública), “Em relação as pessoas que não tem as mesmas características que a minha, tipo, eu vou agir normal, como se fosse outra pessoa, como se eu entendesse o lado dela, como, se tipo, eu posso achar uma pessoa chata, metida, arrogante, mas eu relevo, pois não sou igual a ela” (Aluno 7 da Escola Pública), “como todo mundo falou, pessoas diferentes pode não se dar muito bem, mas você vai conhecendo ela do jeito que ela é, vai acostumando a conviver com essa pessoa e vai terminar sendo igual a ela” (Aluno 8 da Escola Pública).

Uma educação de base fenomenológica, que proporcione o aflorar do Ser humano, precisa priorizar as convivências sociais estabelecidas no contexto educacional, no intuito de possibilitar a manifestação da corporeidade do aluno. A educação não pode ser compreendida apenas como uma instituição repressora dos desejos inconvenientes para a vida em comum. Ela precisa propor um projeto cultural de formação humana capaz de possibilitar a convivência entre as pessoas. Assim, seu grande desafio se apresenta como a consolidação de uma instituição que busca não apenas o caráter negativo da repressão e do controle dos instintos, mas, sobretudo, o caráter positivo da afirmação de uma liberdade responsável e consciente.

No terceiro bloco, utilizamos um vídeo, retirado do *Youtube*, que é denominado como “Qualidades e Defeitos Nossos e de Outras Pessoas”, onde três adolescentes externam suas principais qualidades e defeitos, assim como as qualidades que

admiram e defeitos que rejeitam em outras pessoas. Logo após, realizamos a sequência das entrevistas.

A autoestima é a percepção que cada indivíduo possui acerca de si mesmo, fator que envolve suas crenças, emoções e comportamento, ou seja, a capacidade humana de respeitar, confiar e amar a si próprio. Neste sentido, podemos notar que a sua formação é iniciada desde os momentos iniciais da vida do ser humano, assim que o mesmo é capaz de realizar relações e interações com o mundo. É por meio dessa interação que percepções, sentimentos e comportamentos positivos ou negativos não formados, assim como, sua corporeidade é construída. As experiências vividas no mundo e as relações estabelecidas com os outros seres humanos participam de maneira decisiva e significativamente na formação da autoestima do indivíduo.

Todos os alunos, de ambas as escolas trabalhadas, expuseram suas qualidades e dificuldades na escola. Dentre as qualidades relatadas, podemos destacar em suas narrativas a capacidade de fazer amizades, solidariedade, paciência, calma, responsabilidade, determinação, gostar de estudar e estar sempre disposto a escutar as pessoas. Já, dentre as dificuldades expostas, podemos destacar o orgulho, falar demais, grosseria, frieza, pré-julgamento, excesso de brincadeiras, vingativo, insistência, confiar demais nos outros, ignorância, ciúmes e rancor.

Suas narrativas relevam muito sobre sua autoestima, assim como sobre a sua corporeidade. Conseguir expor qualidades e dificuldades é uma capacidade humana diretamente ligada a sua autoestima. Mesmo com fatores que poderia ser empecilhos para a sua exposição – presença de um adulto desconhecido, câmera filmadora, gravador de voz, grupos de pessoas –, os alunos não se sentiram intimidados e conseguiram, todos eles, relatar as características da sua corporeidade. Compreendemos a autoestima como a percepção que o indivíduo tem de si próprio a partir das suas relações com o mundo. Desta forma, consideramos esse ponto muito positivo, considerando todos os possíveis bloqueios que os fatos acima mencionados poderiam trazer no transcorrer dos seus relatos.

Os alunos investigados colocaram esses aspectos das relações humanas como um defeito, ou seja, ser sincero e realista para muitos que manifestaram suas opiniões é algo mal avaliado socialmente, o que o faz considerá-lo como um defeito. De acordo



com Mosquera e Stobãus (2006), a baixa autoestima se constitui como uma doença grave, que favorece o egoísmo e tende a criar dependência, minando as relações interpessoais. No entanto, não podemos considerar como uma regra, mas possui uma autoestima mais positiva nos deixa muito “mais livres de tensões, frustrações e intranquilidades, portanto seríamos capazes de ir mais além” (p. 85).

Podemos salientar nesse caso que os alunos que consideram a sinceridade um defeito dos seres humanos procuram justificar sua escolha principalmente pelo retorno que terão dos outros ao exercê-la. Isto é, sua avaliação está associada a um juízo de valor realizado por seus próximos, frequentemente sendo julgado por ser uma pessoa arrogante, ignorante, insensível ou grossa, apenas por manifestar um pensamento e atitude de acordo com a personalidade de cada ser. Acreditamos que tal compreensão é desenvolvida pelas relações que estabelecemos em nosso meio cultural e social.

O fato de sofrer juízo de valor socialmente, da vergonha, da inibição são questões a serem refletidas no contexto educacional. Todos têm o direito de expressar suas opiniões, desejos, habilidades sem sofrer nenhum tipo de constrangimento por um juízo de valor. São notórias as consequências de tais atitudes, que podem deixar sequelas durante toda a vida do indivíduo. Desta forma, enfatizamos que a construção da autoestima é proporcionada pelas relações que estabelecemos com o mundo – conflitos, conquistas, afetividade, rejeição, carência, comparação, frustrações, desejos, realizações, etc. –, atuando diretamente na construção da corporeidade do indivíduo.

Neste sentido, podemos salientar que a autoestima se apresenta como um fator determinante do desenvolvimento do indivíduo, pois é na adolescência que vive uma proliferação de grandes transformações e incertezas, nas quais o ser humano poderá, a partir de um contexto que possibilite favorável, exercer sua corporeidade por meio da sua livre expressão das suas potencialidades. Desta forma, a escola precisa se afirmar como uma instituição que realmente possibilite a formação humana integral, onde as convivências entre seres humanos são discutidas, problematizadas, refletidas e a partir de uma abordagem mais ampla que envolva toda corporeidade do Ser adolescente, possibilitando a compreensão que somos seres singulares no mundo, possuidores de potencialidades diferentes uns dos outros, mas que precisam ser respeitadas e valorizadas por todos.

## Considerações Finais

Esse estudo procurou descrever as influências do contexto escolar na autoestima de alunos do Ensino Médio de diferentes escolas de Aracaju, a partir das narrativas sobre a sua corporeidade. Assim, procuramos evidenciar as diferentes manifestações da corporeidade vivenciadas pelos adolescentes no contexto escolar, investigar as convivências de alunos adolescentes no ambiente escolar a partir de suas narrativas, como também, comparar os discursos dos alunos do Ensino Médio das instituições escolares selecionadas de Aracaju em torno da manifestação da sua corporeidade.

A pesquisa possibilitou a compreensão das experiências vividas dos alunos adolescentes no contexto escolar, onde as situações vivenciadas foram narradas, descritas e interpretadas, situação proposta pela fenomenologia de Merleau-Ponty, elucidando sentidos e significados na manifestação da sua corporeidade, assim como na influência da escola em sua autoestima. Desta forma, torna-se fundamental a descrição por possibilitar a compreensão do fenômeno estudado, o que nos ajudou na contextualização do Ser adolescente. A partir das relações estabelecidas entre o aluno e tudo que o cerca na escola, foi possível revelar o sujeito em sua unidade, seus relatos revelam justamente o seu corpo próprio em uma determinada situação.

Foi possível observar que o contexto escolar se configura como um espaço de grandes experiências corporais que marcam a vida dos adolescentes. Os alunos relatam que vivências como o esporte, a dança, o teatro, o namoro, o estabelecimento de vínculos sociais, como também o isolamento e os conflitos são muito presentes na escola e que, para eles, possuem uma grande relevância em sua formação.

São notórios os modos como as relações humanas possuem um grande peso na formação da autoestima do indivíduo, pois quando não administrados de maneira madura – algo muito difícil nessa fase da vida – os conflitos, a rejeição e o juízo de valor podem contribuir para a formação de atitudes receosas, bloqueios, inibição, vergonha e exclusão. O contexto escolar, por se caracterizar como um espaço de pluralidade de intencionalidades, precisa ser mais observado por aqueles que regem o processo educacional, pois nesse ambiente um indivíduo vive inúmeras situações que podem trazer benefícios e males a sua corporeidade. É necessário que o diferente seja

valorizado e respeitado por todos, para que situações como a descrita a seguir não possa ser uma rotina na escola.

A educação nos revela um leque de situações em que as pessoas estão posicionadas e em constante relação. O processo educativo requer uma realidade vivenciada pelo ser humano, seja ela formal ou informal. Neste sentido, consideramos a educação como um fenômeno, no qual reconhecemos em sua prática uma experiência essencialmente humana. Todas as pessoas, grupos, família e sociedade estão implicadas no fenômeno educacional.

Ao expressar suas vivências corporais realizadas na escola, os alunos externam uma linguagem mediada por significados explícitos conscientemente, os sujeitos pesquisados foram capazes de dizer os sentidos e significados presentes em suas experiências vividas no contexto escolar. Desta forma, a realização de uma pesquisa, com base na perspectiva fenomenológica de Merleau-Ponty, permitiu aos alunos relatos das mais variadas experiências corporais que traduzem e refletem a sua autoestima nas relações sociais que estabelecem naquele ambiente.

## Referências

CAMINHA, Iraquitan de Oliveira. Corpo, motricidade e subjetividade em Merleau-Ponty. In: CAMINHA, Iraquitan de Oliveira (Org.). **Merleau-Ponty em João Pessoa**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012. p. 39-47.

CAMINHA, Iraquitan de Oliveira. **Escritos diversos no universo do corpo, educação, psicanálise e filosofia**. LiberArs, 2015.

DARWICH, Rosangela Araujo; GARCIA, Maria Lúcia Dias Gaspar. Adolescentes em contexto escolar: uma ponte entre relações de gênero e relações sociais. Anais: **Seminário Internacional Fazendo Gênero**. Florianópolis, 2017.

DEL CIAMPO, Luiz Antônio; DEL CIAMPO, Ieda Regina Lopez. Adolescência e imagem corporal. **Adolescência e Saúde**, v.7, n.4, p.55-59, 2010.

GONDIM, Sônia Maria Guedes. Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. **Paideia**, v.12, n.24, p.149-161, 2003.

JOSGRILBERG, Fabio Botelho. A fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty e a pesquisa em comunicação. **Fronteiras-estudos midiáticos**, v.8, n.3, p.223-232, 2006.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2. ed. Rio de Janeiro: EPU, 2013.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Trad. de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 4 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

MOSQUERA. J. J. M; Stobaus C. D. Auto-imagem, auto-estima e auto-realização: qualidade de vida na universidade. **Psicologia, Saúde e Doença**, v.7, n.1, p.83-88, 2006.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. Qual o lugar do corpo na educação? Notas sobre conhecimento, processos cognitivos e currículo. **Educação e Sociedade**, v.26, n.91, p.599-615, Maio/Ago 2005.

REZENDE, Antonio. **Concepção fenomenológica da educação**. São Paulo: Cortez, 1990.

SANTOS, Luiz Anselmo Menezes. **O corpo próprio como princípio educativo a partir da perspectiva fenomenológica de Merleau-Ponty**. Curitiba: Appris, 2016.

Artigo recebido em: 10 de maio de 2019

Aprovado em: 17 de setembro de 2019

#### **SOBRE XS AUTORXS**

**Markus de Lima Silva** é Mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe (UFS/SE). Professor de Educação Básica efetivo da Rede Estadual de Estadual (SEED) e da Rede Municipal de Estância (SEME). É integrante do Grupo de Pesquisa Formação e Atuação de Educadores – INTERAÇÃO.

**Contato:** markusilva@hotmail.com

**ORCID:** [0000-0002-3910-6772](https://orcid.org/0000-0002-3910-6772)

**Luiz Anselmo Menezes Santos** é Doutor e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Sergipe. Licenciado em Educação Física pela UFS. Professor Associado do Departamento de Educação Física da UFS. Professor do Programa de Pós-  
Revista Cenas Educacionais, Caetité – Bahia - Brasil, v. 2, n. 2, p. 42-60, jul./dez. 2019.

Graduação em Educação. Coordenador do grupo de pesquisa Formação e Atuação de Educadores - INTERAÇÃO.

**Contato:** [luizanselmomenezes@gmail.com](mailto:luizanselmomenezes@gmail.com)

**ORCID:** [0000-0001-5857-9420](https://orcid.org/0000-0001-5857-9420)